

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo é abordado uma breve análise entre os estudos que constituíram essa pesquisa, intercalando seus resultados de forma que possa prover uma compreensão mais acurada dos aspectos relacionados ao Efeito do Viés da Raça no reconhecimento de faces em crianças. De acordo com o artigo de revisão sistemática, existem dois modelos de codificação de faces na memória. Ambos partindo de premissas muito parecidas, onde faces são codificadas em um espaço de múltiplas dimensões que as unificam e caracterizam. (Valentine, 1991) O Efeito do Viés da Raça pode ser explicado então, tanto por diferenças no processo de codificação de faces com características diferentes da raça do próprio sujeito, (Caldara & Abdi, 2006)) quanto pelo contato com essas faces, o que aumenta a sensibilidade do sujeito às essas diferentes características. (Sangroglia & Shonen 2004 e deHeering, 2010) Ao comparamos essa perspectiva teórica com os resultados encontrados no estudo empírico, podemos concluir que houve uma diferença no processo de codificação de faces de diferentes raças, mas essa diferença só ocorreu com crianças que não tinham contato, no seu contexto social de desenvolvimento, com faces de outra raça.

Os resultados do estudo empírico corroboram com os estudos da revisão sistemática no que diz respeito a importância do contato social na modulação do Efeito da Raça na percepção de faces. De fato, a magnitude do Efeito da Raça foi maior em crianças mais velhas, corroborando com a teoria de que a falta de contato com faces diferentes da raça do sujeito, no decorrer do seu desenvolvimento, aumenta a dificuldade ao reconhecê-las.

Ao compararmos o estudo empírico dessa pesquisa, com os estudos abordados na revisão sistemática, percebemos semelhanças nos objetivos, amostras e alguns resultados. No que se refere aos objetivos e amostras a presente pesquisa utilizou amostras das duas raças que estavam sendo estudadas, concordando com a metodologia da maioria dos estudos que investigaram o Efeito do Viés da Raça, em crianças ou adultos. No que tange aos procedimentos de coleta e análise de dados, esta pesquisa utilizou fotografias de faces de crianças, onde o tempo de reação para o reconhecimento de faces japonesas e não japonesas foi avaliado para cada grupo racial de crianças. Este procedimento é

muito utilizado por aproximar a criança da realidade, através da fotografia da face, utilizando a memória de trabalho para reconhecer as faces.

Entretanto, poucos estudos apresentados na revisão sistemática analisaram a influência que diferentes fases no desenvolvimento infantil têm no Efeito da Raça. A diferença na magnitude do Efeito em crianças mais velhas, encontrada no trabalho empírico, representa um aprofundamento nos estudos do desenvolvimento de tal efeito.

Devido ao crescimento de uma nova abordagem teórica sobre as influências de diferenças culturais na formação de processos psicológicos básicos, como por exemplo a percepção, (Blais, et al, 2008) o artigo empírico chama a atenção para a necessidade de mais estudos, baseados em evidências, para verificar a influência de fatores culturais no desenvolvimento dos processos cognitivos responsáveis pelo reconhecimento de faces. O Efeito da Raça pode ser apontado como um exemplo dessas influências.

Com base nos achados dessa pesquisa, espera-se que os estudos que a compuseram possam contribuir no conhecimento e aprimoramento na área da percepção de faces e também possam servir como algum tipo de norteamento no que tange a futuras investigações.